

# OPOSIÇÃO OPERÁRIA

## CADERNO (2002-2003)

[HTTP://www.opopgerminal.wordpress.com](http://www.opopgerminal.wordpress.com)

- I. A CORRUPÇÃO E O ESTADO
- II. OUTRA FACE OBSCENA DA ECONOMIA CAPITALISTA
- III. A LÓGICA DA GUERRA
- IV. A SITUAÇÃO DA MILITÂNCIA E DO MOVIMENTO SOCIAL
- V. CRISE: DA MAROLINHA AO TSUNAMI

## I - A CORRUPÇÃO E O ESTADO

### Antecedentes

A história da humanidade se desenvolve — num processo que não é linear, mas articulado de forma complexa —, através de formações sociais erigidas sobre correspondentes modos de produção que se lastreiam, por sua vez, em relações de produção específicas. Todas as formações sociais da história passaram pelo período de implantação, apogeu e dissolução e crise. Assim foi com a sociedade primitiva, na qual inexistiam a propriedade privada dos meios de produção, as classes sociais e o Estado, e também com as formações sociais baseadas na exploração de uma classe sobre outra: a asiática, a escravista (clássica, greco-romana, moderna e colonial), a feudal e a capitalista.

Todas as sociedades de classe da história conheceram, por fim, nas suas fases terminais de crise, ruptura e dissolução, a decadência. A corrupção tem sido um traço comum ao processo normal de reprodução de todas as sociedades de classe da história; ela atingiu sua extensão e seu grau máximos exatamente nos períodos de decadência de tais sociedades. O processo histórico dessas sociedades é, nos seus contornos mais gerais, mais ou menos o seguinte: cada formação social, quando surge em estado “puro”, quando então necessita de apoio popular, contrapõe-se à formação precedente apresentando-se como guardiã dos valores éticos e espirituais mais elevados da humanidade. A seguir, quando se estabiliza, quando consolida suas relações sociais de produção e de sociabilidade, quando consegue universalizar e impor suas regras, ideologias, meios de repressão e controle social, leis e instituições, vem então uma outra fase. Dentre todos os meios e expedientes de que lançam mão para a sua reprodução encontra-se, invariavelmente, a corrupção. Junto com ela a fraude, a apropriação de recursos públicos, o nepotismo, a decadência moral das elites, e outros tantos, amparados pela também sempre presente impunidade.

Todo esse manancial de métodos, processos, atos e práticas de corrupção, inerentes a todas as sociedades de classes, atingem grau máximo nas fases de decadência. Aqui, todas essas práticas que desenvolvem a corrupção tornam-se inevitáveis e escancaradas. Os exploradores diretos dos que vivem do trabalho e os que comandam governos e estados não só já não podem impor bloqueios às referidas práticas, como não podem mais sequer escondê-las ou dissimulá-las. Elas se tornam práticas de rotina, e o cinismo e a desfaçatez aparecem sem disfarces. À medida que as práticas “normais” de reprodução social vão-se tornando insuficientes, os processos corruptivos, antes menores, vão-se tornando abertamente mais necessários, amplos e contundentes. É um traço que ganha destaque nas sociedades de classes nas suas fases de decadência.

## Corrupção e capital

Com o capitalismo não é diferente. Pelo contrário, é nesta formação social que, no seu estágio atual de decadência, pelo fato de as leis e os processos estruturais (extração e apropriação da mais-valia, esgotamento de mercados, guerras, etc.) e institucionais de reprodução e controle se colocarem como bloqueios ao processo de acumulação e de capitais, a corrupção em todos os seus aspectos e formas vem a tona lado a lado com todas as contradições que também lhe são inerentes, com a mais plena visibilidade, força e incontornabilidade. Não é por acaso que o avanço da corrupção coincide, como medida compensatória, com os avanços desesperados da exploração da mais-valia, na medida em que essa extração já começa a embolar no âmbito de uma crise estrutural, crônica e sistêmica, de mais de três décadas.

E por corrupção se entende uma gama diversificada de modalidades de práticas, tais como: o roubo e o desvio de verbas do Estado por membros do governo e das empresas privadas; a prática universal de formação do “caixa dois”; o suborno a funcionários públicos de alto escalão; o suborno aos políticos do Parlamento, do Executivo e de membros do Judiciário, das empresas estatais e das cúpulas dos sindicatos e das centrais sindicais; os subornos aos jornais e jornalistas e aos demais formadores da opinião pública; a brutal sonegação de impostos e as fraudes na contabilidade das empresas privadas e estatais; a extensa nomeação de familiares de membros das elites sem concurso para cargos “de confiança” (quem confia em quem?) nas diversas instâncias governamentais; as orgias financeiras e inclusive morais praticadas nas hostes burguesas e governamentais; o estado de indigência dos intelectuais, cientistas e artistas — e muito mais. Corrupção que sempre existiu, mas que avulta agora, no período de aguda crise e estágio de decadência do sistema capitalista.

### O impasse do “combate à corrupção”

Mas a corrupção tem um custo: de um lado, o custo moral e político, que coloca os corruptos e corruptores em relação de desgaste diante da opinião pública; de outro, um custo financeiro. A corrupção é cara: ela dilapida recursos em demasia e precisa ser mantida dentro de limites suportáveis. Por isso são montados os processos de investigação e punição, como as famosas CPIs no Brasil. Mas aí surgem outras tantas contradições que não só tornam irrefreável a corrupção, com outras mais que anulam tais processos investigatórios, na medida em que “juízes” e “réus”, na maior parte das vezes, igualmente corruptos, equiparam-se e se vêm obrigados a sustar o que poderia revelar todos — ou quase todos — na vala comum.

E é a partir daí que a corrupção se repõe em novos e mais elevados estágios, que ela necessariamente volta a crescer no interior de contradições maiores, mais profundas e mais

incontornáveis do próprio sistema em decadência. E com isso a corrupção recrudescer numa plataforma cada vez maior e mais aguda, deixando absolutamente claro sua inerência ao capitalismo, e que nos limites da existência do modo de produção, do Estado, dos governos capitalistas ela é irreformável. Daí a senilidade ou inutilidade das CPIs, do Judiciário, do Parlamento, e de todas as instituições burguesas.

## **II. OUTRA FACE OBSCENA DA ECONOMIA CAPITALISTA**

Agosto/Setembro 2002

Um artista alemão contou que diante do que foi o atentado de 11 de setembro nos EUA a sua arte era insignificante. Ao que parece, esse país tem-se tornado palco de outras artes, também de produção coletiva. Essa tal “arte”, é destinada a tapar o sol com uma peneira. Estamos falando da arte de fraudar balanços que, ao que tudo indica, deve tornar-se a nova tecnologia de ponta da “locomotiva” da economia mundial. Não existe nada de novo em fraudar balanços. Marx já descrevia o sobre “modo de operar” dessas fraudes em seu “O Capital”. O que tem de novo é que esta é uma obra-prima por se tratar de uma fraude sistêmica, a primeira a ser orquestrada, executada e monitorada pela máquina estatal de um país. E não qualquer país, mas a “locomotiva”.

Os escândalos começaram pela Eron. Essa empresa redigiu todo o programa energético do atual governo norte-americano, foi a principal financiadora da campanha eleitoral do atual presidente americano, George W. Bush. Também apoiou a invasão do Afeganistão, com a finalidade de proteger as reservas de gás que a companhia queria explorar. O próprio Bush está sob suspeita.

O mesmo caminho de fraudes trilhou outro peso-pesado do setor de comunicações, a WordCom e logo depois vieram a Tyco, Vivendi, Martha Stewart Living, Im Com, Staley Steel, apenas para citar os casos mais famosos e estrondosos.

### **A ÚNICA COISA ETERNA: A MUDANÇA**

Para quem sonhava com a prosperidade eterna, é hora de acordar. Com a agudização da crise capitalista, e com a queda da taxa de lucro da economia, as fraudes contábeis e outras praticas criminosas foram as saídas encontradas pelas empresas norte-americanas para impulsionar os preços das ações e beneficiar, no curto prazo, os grandes acionistas e os administradores remunerados com opções de compra de papéis das empresas. As fraudes consistiram basicamente do superdimensionamento do faturamento e da ocultação das dívidas. Para tanto foram criadas vendas fictícias, empresas de fachada (destinadas a carregar dívidas) e despesas transformadas em investimentos.

## MAIS UMA VEZ A FATURA É EMITIDA PARA OS TRABALHADORES

Com os balanços devidamente maquiados, as ações das empresas foram às nuvens, infladas artificialmente pelas fraudes. No momento certo os operadores do mercado vendiam as ações e conseguiam embolsar milhões de dólares. Quando as falcatruas foram descobertas, os preços das ações desabaram e os pequenos investidores pagaram a conta. Os fundos de pensões dos trabalhadores foram os mais atingidos pela série de fraudes contábeis e financeiras, por terem em suas carteiras, em média, 50% em ações das empresas envolvidas nos escândalos. Enquanto os “especialistas do mercado” aproveitaram a oportunidade para vender as ações dessas empresas, os empregados, além de enfrentar o problema da demissão, viram o dinheiro de suas aposentadorias virar fumaça. Assim, as fraudes foram uma grande e orquestrada operação de roubo da poupança dos trabalhadores americanos, o que fez o curralito argentino parecer brincadeira de criança.

## ASSALTO.COM

A empresa líder mundial em comunicações empresarial, WordCom, após a descoberta das fraudes, teve o preço de suas ações reduzido a 13 centavos de dólar. Apenas valem mais do que as ações da Eron, que não valem Nada. Existe hoje, não sem razão, um grande temor por parte das autoridades monetárias norte-americanas de um crash de grandes proporções, superior ao dos anos 30, gerado pelo efeito colateral do golpe que é a desconfiança dos investidores em relação aos números divulgados pelas empresas.

A onda de golpes no mercado de ações e de falências fraudulentas põe sob suspeita também as contas nacionais que indicaram um crescimento de produtividade de 5,8% no primeiro trimestre de 2002. A participação de grandes empresas de auditoria e a descoberta de que a banca americana está enterrada até o pescoço nas fraudes contábeis dão o toque sutil a esta obra que é marcada pela cumplicidade entre o governo, as grandes empresas e os bancos.

Claro que roubo, fraude e extorsão não chegam a ser novidade para um Modo de Produção que se reproduz sob a égide da exploração. A novidade nesse caso é a sincronia, a orquestração, a dimensão e as cifras envolvidas, que só é possível de acontecer em um capitalismo avançado, onde um pequeno número de grandes empresas dá as cartas e domina o essencial da economia, onde um punhado de famílias pode traçar e executar um plano de assalto coletivo com a ajuda indispensável do Estado.

Certamente o pior está por vir. Esta é apenas a ponta do iceberg. Apesar das cifras envolvidas nas fraudes, o risco da operação evidencia um certo desespero, pois, apesar de conseguirem arrancar o ovo de ouro da galinha, tiveram de fazê-lo pelo bico. Se o capitalismo americano tivesse alguma perspectiva de fazer subir a taxa de lucro do capital, o que implicaria espaço para investimento e realização de lucros, não se arriscaria a meter-se em uma pilhagem que pode comprometer as operações das bolsas de valores.

### III - A LÓGICA DA GUERRA

*“A guerra é pois um ato de violência destinado a submeter-se a nossa vontade”.*

*“A guerra é uma simples continuação da política por outros meios”.*

(Carl Von Clausewitz – DA GUERRA)

#### INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América do Norte, mais uma vez prepara uma intervenção armada no Oriente Médio. Mais uma vez a vítima será o povo iraquiano. Mas por que será que isso ocorre em tão curto espaço de tempo? De 1991 para cá, apenas 11 anos, o maior de todos os impérios capitalistas, conseguiu somar vitórias nos Bálcãs (1999) e no Afeganistão (2001). O fato é que a maior de todas as economias do mundo capitalista não tem poupado esforços no sentido de garantir sua supremacia e seus interesses em regiões estratégicas do planeta, nem que para isso corra rios de sangue de homens, mulheres, crianças e idosos, que de uma maneira ou de outra acabam sendo massacrados nas guerras de rapina do capital. O que está por trás, na verdade, do extermínio de massas humanas, não é sequer tocado pelos meios de comunicação, pelos institutos formadores de opinião, nem tão pouco pelas escolas, universidades, sindicatos e partidos políticos ditos de esquerda. Querem na maioria das vezes transformar motivos realmente pertinentes em manifestações grosseiras, de interesses, as quais não aparecem de forma explícita quando da construção de propostas e/ou explicitação de projetos políticos do imperialismo. Passa-se a idéia, por exemplo, que a guerra ocorre ou tende a ocorrer, devido ao estado de humor do presidente Bush ou de pretensa antipatia com o presidente iraquiano Sadam Hussein. Mas para os que se esforçam em aplicar o método marxista de análise, não pode se dar por satisfeitos com tremendas mistificações de cunho nitidamente ideológicas.

O que está por trás de fato desta tentativa dos Estados Unidos é uma reprodução de conflitos, bastante localizados, pois o Iraque já se encontra parcialmente ocupado. A guerra com sua lógica vêm encerrar e resolver por outros meios contradições permanentes do capitalismo, o seu desenvolvimento, seu desiderato, bem como a sua sobrevivência no mundo onde, além da divisão social do trabalho e das classes antagônicas em luta — a burguesia e o proletariado —, amargam agora uma simultânea e generalizada crise econômica de longa duração, e também, uma exaustão de fontes energéticas que possibilitem o funcionamento da principal locomotiva



do capital: os EUA. Nunca é demais salientar que para este país, uma das principais fontes de energia é sem sombra de dúvida o petróleo, mesmo em um mundo em que se corre atrás de alternativas à combustão movida a óleo diesel, gasolina e querosene, mesmo quando pequenas experiências de energia alternativa não são devidamente exploradas e sim postas de lado devido aos interesses econômicos de grandes trustes imperialistas. É possível se ver que a energia dispersa da biomassa nos trópicos poderá conduzir a um reordenamento de distribuição populacional, diferente da energia concentrada com imensas hidrelétricas, refinarias e gasodutos, cujo ápice é a usina nuclear, como um desdobramento do petróleo e do carvão mineral, fontes energéticas causadoras de poluentes em larga escala.

Mas esta é de fato uma outra lógica que poderia se enquadrar muito bem no esquema de produção socialista, ao invés de ser colocada em um plano inferior em detrimento da louca e desenfreada corrida pelo controle das reservas mundiais de petróleo, por exemplo. O poder hegemônico no mundo de 1800 a 1900 se baseou na energia de carvão mineral, com a tecnologia da máquina a vapor drenando as águas das minas. A Inglaterra tirou exaustivamente proveito desta situação. Porém, de 1900 a 2000, a matéria prima principal do mundo se alicerçou no petróleo e teve no motor de explosão (automóvel, avião) sua principal fonte de energia, que ao estruturar um novo setor da produção capitalista veio a se constituir como uma das principais e correlata arrecadação de mais-valia e conseqüente arrancada para a acumulação de capital. É a vez, portanto, dos EUA se destacarem, devido às condições objetivas em que se firmaram seu parque industrial produtivo, como o principal usuário de combustível fóssil, o que fez com que se desenvolvesse uma política militar e comercial agressiva, no que se refere ao controle das principais reservas de petróleo, isso tudo com a incrível capacidade de assassinar seres humanos, conforme se vê pelas suas sucessivas intervenções no mundo.

#### PRINCIPAIS OBJETIVOS DOS EUA NO ORIENTE MÉDIO

Após o bombardeio da população civil afegã, motivado por uma pseudo caça ao terrorista árabe, Osama Bin Laden, que contou com o apoio das forças talibans, os EUA acabaram por conquistar mais um posto avançado de comando no tabuleiro deste jogo de xadrez, que não está isento de qualquer juízo moral, mas pelo contrário, deve-se ir para o banco dos réus no futuro tribunal dos povos oprimidos de punição aos criminosos de guerra. O povo afegão que já havia sofrido com a ocupação da ex-URSS em seu território, com certeza por motivos bem menos relatados, mas que de nós bastante conhecidos, sofreu mais uma vez o impacto das forças imperialistas e de seu cruel e sangrento massacre. Isso só foi possível devido à aliança que se estabeleceu entre a CIA, grupos guerrilheiros formados por proprietários de terras que foram atingidos pela reforma agrária do governo pró-Moscou em final dos anos 1970 e início da década de 1980, mais ainda os países da OTAN, Israel e Arábia Saudita. As ajudas dos EUA às forças contrárias a ex-URSS, em 1985, somavam o montante de um bilhão de dólares por ano. Contava, ainda, os Estados Unidos, com a ajuda do nacionalismo e o fervor religioso.

Durante dez anos os guerrilheiros afegãos armados pelos EUA destruíram 2000 escolas, 31 hospitais, dezenas de empresas, várias centrais elétricas, 41000 Km de vias de comunicação, 906 cooperativas de agricultores, etc. O interesse maior do imperialismo norte-americano, com esta varredura e enfraquecimento da economia e o apoio incondicional às forças que combatiam as massas no Afeganistão, era o mesmo que fazia com que se apoiasse a guerra separatista na Chechenia, ou seja, o objetivo era o de afastar a Rússia das abundantes jazidas de petróleo do mar Cáspio. A perda do controle sobre a Chechenia tiraria dos russos o principal oleoduto que sai da região e abriria caminhos para a exploração dos poços pelas empresas inglesas e norte-americanas. Portanto, no que diz respeito aos EUA, a guerra por conta disso se traduz em um meio necessário para reafirmar o seu poder no mundo e tentar estabelecer, em bases mais favoráveis e duradouras o seu controle sobre as reservas de petróleo e gás natural no mundo e em especial na região do Oriente Médio e do mar Cáspio.

O consumo mundial de petróleo aumentando na proporção atual, estará esgotando cerca de 2/3 das reservas mundiais dos combustíveis fósseis até 2020. Isso levará inevitavelmente a um acirramento da corrida energética pelo controle das fontes naturais. Para se ter uma idéia do que significa se, por exemplo, os EUA tivessem que contar somente com as reservas que estão em seu território teriam petróleo suficiente para não mais que quatro anos, como coloca Emílio Gennari em artigo para o Quinzena nº 305, de 31.10.2001.

A maioria do petróleo importado atualmente pelos EUA vem da Arábia Saudita, o que trás insegurança a eles devido a quaisquer oposições a este país, tanto interna quanto externamente, pois é ainda o principal aliado norte-americano no mundo árabe. Além desta questão, países como o Irã e o Iraque estão longe de ter um relacionamento amigável com os EUA, mas, a singularidade reside no fato de que as empresas de capital francês fizeram pesados investimentos e se Associaram à Rússia na exploração das jazidas do mar Cáspio. Esta aliança permite à Rússia controlar direta ou indiretamente um território que incluem as regiões produtoras do Cáucaso (entre elas a Chechenia) e de boa parte da Ásia Central. Além disso, dois “novos” personagens estão fazendo suas aparições na disputa de interesses na Ásia (China e Japão), não só pelo controle da região, mas também, na busca de se destacar como impérios econômicos mundiais, que além de serem geridos pelas leis do capitalismo estão neste momento com interesses conflitantes com o carro chefe da economia mundial. Ou seja, além de estarem sujeitos a lei da crise conforme demonstrou Marx em O Capital, não estão seguros no que diz respeito à estabilidade geopolítica global.

É por conta de questões como estas que os Estados Unidos pensa agora em bombardear o Iraque. Os empecilhos veiculados pela mídia, de que diante da crise econômica por que passa o país, não se teria condições econômicas de deflagrar uma guerra, neste momento caiu por terra com a aprovação de medidas pelo congresso norte-americano em apoio ao governo

Bush, afirmando inclusive que “os EUA não pretendem mais permitir que sua supremacia militar seja desafiada” (Folha de São Paulo, A 14, 21 de setembro 2002). Convém ressaltar ainda, que boa parte da dita oposição democrata, também está apoiando Bush neste momento. A guerra do Afeganistão custou mais de 340 bilhões de dólares e o ritmo da produção, ao que parece, já foi aumentado após a decisão de se declarar guerra ao Iraque, e as ações de indústrias como Honey Well Interation, Lockheed Martin, Raytheon, Northrop, Gruman e a Boeing (que além de aviões fabricam satélites), são as únicas que valorizam, mesmo nos dias em que as Bolsas de Valores de Nova Iorque registravam seguidas quedas nos seus indicadores. A guerra desta forma além de ser uma corrida pelo controle energético, acaba por ativar um setor produtivo que passa despercebido pelos analistas da conjuntura econômica e política. Este setor foi estudado de forma mais sistemática pelo economista marxista belga Ernest Mandel em sua obra “O Capitalismo Tardio”.

De fato, questão objetivamente concreta como a exploração de petróleo no Alaska que demandaria a construção de um oleoduto, que além de sofrer uma forte pressão dos movimentos ecológicos, custaria uma cifra mínima de 20 bilhões de dólares, acaba por combinar com a ação militarista do Estado norte-americano em se apossar pela força as riquezas de outro país. Já se diz, por exemplo, que a estratégia dos EUA na campanha contra o Iraque, seria a deposição do governo de Sadam Hussein, dito produtor de armas químicas e biológicas de destruição de massa, ex-colaborador da CIA e do governo norte-americano, que seria substituído por um general norte-americano, tal qual acontecimento semelhante quando do processo de rendição do governo japonês na segunda guerra mundial. Ao que tudo indica não se poupará nenhuma área rica em matéria energética e combustíveis fósseis do planeta, como é o caso por exemplo da região ocupada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), no México, que deverá ser duramente combatido, pois esta região é rica em petróleo e urânio e é de interesse do capital imperialista norte-americano (mas não só dele) que esta região também passe a compor as suas reservas energéticas. Numa visão antes tida como futurista, o estado norte-americano desenvolve ainda de maneira estratégica a exploração aeroespacial, ou melhor dizendo, produção aeroespacial, setor econômico em que reina quase absoluto, que neste momento cumpre um papel também militar.

## LÓGICA DA PRODUÇÃO BÉLICA

A indústria armamentista, desde a década de trinta do século XX, tem desempenhado papel importante na economia imperialista, a qual já conta com um largo e ininterrupto espaço de tempo, como coloca Mandel. Esta tendência não possui nenhum indício de diminuição em futuro próximo. Observa-se, pois, um fenômeno que se trata na verdade de uma das características do capitalismo em geral e do capitalismo norte-americano em particular. Este fenômeno não apresenta nada de novo em se tratando de produção de armamentos, pois já do século XV ao século XVIII, foi uma das principais fontes da acumulação primitiva e uma das mais importantes partes do capitalismo, como coloca Marx em O Capital. Enquanto

estímulo para acelerar a industrialização ou ampliar o mercado capitalista, as despesas com armamentos e guerra tiveram importância durante toda história moderna e do capitalismo em particular.

Depois do início da era imperialista, as despesas militares também contribuíram substancialmente para acelerar a expansão da produção nos 20 anos que precederam a primeira guerra mundial. Os gastos dos principais países imperialistas no período de 1901 a 1914, passou de quatro bilhões de dólares-ouro, para 13 bilhões no período de 1945 a 1955. Mandel coloca que os estados Unidos investiram de forma pesada em armamentos no período de 1939 a 1971, tendo aumentado significativamente nos períodos de acirramento dos conflitos bélicos.

A média anual dos gastos militares a preços constantes entre 1950 a 1970, calculada a partir de dados nacionais do PIB, era de 6,2 % EUA, 3,9% Japão, 1,3 % Reino Unido, 4,2 % França, 5,8% Alemanha (Occidental) e 4,1% Itália (1951 a 1970). Precisa-se, entretanto, investigar-se de maneira mais detalhada os efeitos dos gastos militares sobre o desenvolvimento da economia capitalista. Sobre isso Mandel coloca que: “Talvez o método mais seguro seja analisar a dinâmica das mais importantes contradições internas, ou dificuldades de desenvolvimento do modo de produção capitalista à luz de um orçamento militar permanente e vultoso. Para isso é necessário transformar o esquema de Marx, que opera com dois setores — departamento I(meios de produção); departamento II(bens de consumo) — num esquema com três setores, acrescentando a esses dois departamentos um terceiro, que produz os meios de destruição. Fazemos essa distinção porque o departamento III, ao contrário dos departamentos I e II, produz mercadorias que não entram no processo de reprodução dos elementos materiais da produção (substituindo e ampliando os meio de produção e a força de trabalho consumidos) e também porque não são intercambiáveis com esses elementos, como acontece por exemplo, com as mercadorias de consumo absorvidas improdutivamente pela classe capitalista e por aqueles que a servem”. (O Capitalismo Tardio)

O que ocorre nesta estrutura lógica do setor de armamentos é uma reprodução regressiva e destrutiva, o que faz dar a este esquema proposto uma força necessária a ser incorporada ao método de estudo das economias capitalistas, em que deverão ser observados ainda o quantitativo essencial para a manutenção do capital em suas operações de guerra pelo mundo.

#### DO RECURSO IDEOLÓGICO À QUESTÃO PALESTINA

Há muito tempo a burguesia teima em caracterizar de terrorista qualquer ação que parta de forças políticas contrárias ao seu domínio. Isso ocorreu, e continua ocorrendo, em todo momento em que os governos imperialistas se vêem ameaçados, mesmo que de maneira

superficial ou pelo menos o que se entendeu como comunismo. Na verdade, as experiências de revoluções proletárias de conteúdo socialista, que acabaram por ser abortadas pelo ascenso ao poder de Estado do stalinismo e suas derivações, o maoísmo, o castrismo, etc. Portanto, essas experiências não podem ser caracterizadas e/ou confundidas com o verdadeiro ideal comunista, pois, apesar dessa luta ter sido vencida temporariamente pela burguesia e demais forças do capital, ela está longe de ter sido definitivamente resolvida, do ponto de vista da superação das contradições inerentes ao modo de produção capitalista, como também, não se trata de nenhuma ação de terror individual.

Enquanto persistir na sociedade atual a exploração de classe, através da extorsão da mais-valia, com a qual os capitalistas realizam o seu lucro, que por sua vez lhe proporciona capital suficiente, não só para desenvolver o seu modo de produção, como ainda para usufruir todas as esferas de mordomias e ostentações, a custo do massacre de grande parte da população trabalhadora, é que a luta pelo socialismo e o comunismo, está portanto, na ordem do dia. É fundamental entender como o nazismo, o fascismo, o franquismo, o salazarismo e as ações do imperialismo dos EUA no mundo de hoje, ou seja, para se combater a face brutal da burguesia, faz-se necessário um amplo movimento que barre a irracionalidade, nem que para isso haja um endurecimento também da ação dos movimentos realmente sérios e que tenham a perspectiva de um mundo solidário e verdadeiramente humano.

Os métodos utilizados pelo terrorismo quer seja de grupos nacionalistas, religiosos ou pelo Estado capitalista propriamente dito, são essencialmente diferentes e antagônicos à luta socialista revolucionária. É preciso deixar claro que não se realizará transformação social alguma sem o recurso à violência, só que essa não será exercida pela minoria contra a maioria, como acontece constantemente, mas sim, pela massa de trabalhadores que compõe a maioria efetiva, em cima de uma minoria exclusivista que se mantém no poder de Estado nos principais países do mundo, devido a fragilidade em que se encontra o movimento operário neste momento de aprofundamento da crise econômica em escala internacional.

No entanto, a experiência da luta terrorista é o que bem presenciamos nos enfrentamentos que ora ocorrem no Oriente Médio, em especial na resistência do povo palestino às duras investidas pelo Estado nazi-fascista de Israel. Essas formas de enfrentamento e luta tem levado inúmeros militantes das forças de resistência a uma ação de sacrifício humano, pouco estudado, mas que requer de todos nós observadores e militantes da causa socialista, mesmo não concordando como o método escolhido, um profundo sentimento de solidariedade e respeito para com aqueles que a imprensa burguesa teima em colocar como “extremistas lunáticos”. O ato de se dedicar uma vida por um ideal é demais grandioso e tem sido uma constante na história do movimento operário socialista e comunista, por exemplo. Mas, eleger a autodestruição como modelo para o enfrentamento é desprezar totalmente a importância da luta política ou acabar por realizá-la por meios que não importam com a preservação ao máximo das forças militantes da luta pelo Estado Palestino.

Se por um lado não pode dar credibilidade à ação dos EUA, quando da aprovação na ONU da existência de um Estado Nacional Palestino, não se pode também pensar em conceber este de uma maneira tão irracional quanto à desenvolvida por alguns grupos terroristas palestinos. O levante palestino se constitui como de fundamental importância no processo de enfrentamento com o Estado de Israel, mas ele tem necessariamente de confluir para a elaboração de um programa de construção de um Estado que venha a atender os reais interesses dos trabalhadores e demais setores explorados da população, por fora da ação conciliadora e demagógica da burguesia palestina, que se alimenta das ações terroristas para barganhar com o imperialismo norte-americano melhores condições de credibilidade, para se colocar à frente de todo processo de paz e possibilidade de estabelecimento de um Estado burguês como outro qualquer na região do Oriente Médio.

As perspectivas que se abrem com a aprovação na ONU da fundação do Estado Nacional Palestino são por demais limitadas. Israel já ignorou resoluções da ONU antes. Mas, mesmo assim, a resolução propõe que Israel volte a ter as mesmas fronteiras que em 1967, após a Guerra dos Seis Dias, quando inclusive a mesma ONU aprovou resolução ordenando a retirada israelense dos territórios ocupados (Gaza e Cisjordânia) que nunca foi cumprida. A ONU é um organismo totalmente desmoralizado e manipulado pelos países imperialistas, em especial os EUA. As críticas que a ONU faz não são acompanhadas de uma firme ação que faça retroceder o terror aberto por parte do seu exército frente a população civil palestina.

Há uma visão por parte da ONU que os dois lados se batem em pé de igualdade e que o não cumprimento é uma responsabilidade dos palestinos. Mas o que ocorre é justamente o contrário, Israel conta com um Estado em que setores fascistas não aceitam de bom grado um cessar fogo, pois o que se pretende exterminar é boa parte da população palestina. Por outro lado, o interesse dos EUA na luta entre palestinos e israelenses é tão somente porque esse conflito acaba por protelar ou retardar o seu ataque ao Iraque, um empecilho momentâneo, portanto, que tem como objetivo ganhar tempo para se atrair apoios dos demais países árabes para uma possível ofensiva a seu favor.

#### **IV - A SITUAÇÃO DA MILITÂNCIA E DO MOVIMENTO SOCIAL**

2003

Não é de se admirar o que ocorre no movimento dos trabalhadores e da juventude em geral. Os trabalhadores cada vez mais se afastam das formas de organização existentes, sem, contudo, esboçar novas perspectivas para a luta contra a burguesia e seu Estado. A maioria da juventude por sua vez segue cega e sem perspectiva de incorporar-se à luta dos trabalhadores contra o capital, sendo, na maioria das vezes levadas a reboque para lutas nitidamente burguesas e de conteúdo liberal.

Os trabalhadores não conseguem, juntamente com seus filhos, realizar um espaço relativamente mais amplo de desenvolvimento de propostas e idéias com conteúdo de classe socialista. Isso ocorre devido ao longo período de adaptação que o movimento dos trabalhadores teve com respeito aos projetos de conciliação de classe e de luta puramente econômicas e institucionais, que bloquearam as perspectivas autônomas e independentes dos trabalhadores.

As lideranças do movimento dos trabalhadores, afora raríssimas exceções, vivem prostradas na burocracia de seus aparelhos sindicais, reproduzindo aí todo o conjunto de propostas de luta que em nenhum momento abalam a estrutura do Estado burguês.

A juventude, os filhos dos trabalhadores, devem ser educados conjuntamente com a classe trabalhadora na perspectiva de romper com a educação oficial oferecida nas escolas, que sempre acaba por reproduzir o modo de pensar idealista do dominador.

Mas, nem tudo está perdido ao que parece. Ainda existem poucos militantes no seio dos trabalhadores que são aguerridos, às vezes confusos política e ideologicamente, por não ter tido a oportunidade de aprofundar a sua concepção geral do socialismo. O esforço destes militantes tem sido grande em organizar a classe. Mas ao mesmo tempo tem se mostrado de pouco resultado. As suas palavras, os seus discursos não tem tido respaldo, não tem conseguido despertar as consciências embrutecidas dos trabalhadores.

Uma outra característica desta militância é a dispersão, o que impede de globalizar uma proposta que ataque o inimigo de classe, o Estado e a burguesia.

Os trabalhadores em outros tempos conseguiram investir contra a burguesia e o seu Estado, numa perspectiva de defesa intransigente dos seus interesses de classe. Estas experiências foram na maioria das vezes esquecidas da memória dos trabalhadores pela burguesia e seus agentes no movimento dos trabalhadores.

Não se fala mais no movimento dos trabalhadores de experiências como a Comuna de Paris, a Revolução Russa etc. Parece que estas investidas do proletariado revolucionário contra a burguesia não significaram nada. Mas a verdade é bem diferente.

As experiências históricas dos trabalhadores mostraram, mais do que nunca, a possibilidade dos explorados construírem espaços de vivência social independentes da burguesia. Aqui no Brasil, por exemplo, o movimento anarquista (não vamos entrar no mérito dos limites das suas propostas políticas), educava os seus filhos em espaços independentes dos filhos dos burgueses. Na Rússia em 1917, os trabalhadores criaram

um espaço de atuação política totalmente por fora das instituições burguesas, criaram na verdade um espaço de militância, de poder político, paralelo ao Estado burguês.

A exploração do trabalho continua e com ela continua a luta de classe. Não é porque os trabalhadores foram sendo derrotados momentaneamente em suas lutas, em suas experiências de manter um espaço próprio de atuação política, que devemos cantar loas ao capitalismo e à exploração do trabalho.

Os trabalhadores devem sim, cada vez mais, buscar criar espaços para sua militância e para que possa desenvolver o seu projeto político próprio. Projeto acima de tudo livre para os trabalhadores e seus filhos.

Não estamos em um momento revolucionário, mas nem por isso devemos nos contentar com as formas de organização que a burguesia admite para os trabalhadores: os sindicatos, as centrais sindicais etc. Pois estas se encontram carcomidas e já caíram no descrédito de parcelas significativas dos trabalhadores.

É perfeitamente possível se criar um espaço onde, partindo-se do mundo material, possamos introduzir temas, palestras, seminários, cursos etc., para os trabalhadores e a juventude,



visando aí, despertar a consciência crítica em um número cada vez maior de pessoas à margem do processo de conhecimento.

Este espaço não é absoluto e sim relativo. Ele começa no pequeno círculo de militância para se expandir num espaço social maior. Ele tem que ter ainda um nítido conteúdo socialista, tanto no aspecto de propostas concretas de atuação política, quanto no seu aspecto ideológico e cultural.

Este espaço que hora propomos deverá ser ainda, o que é mais importante, uma alternativa de militância para os trabalhadores e a juventude. Este espaço é a Oposição Operária.

## **V. CRISE: DA MAROLINHA AO TSUNAMI**

2003

Hoje já ninguém duvida que a crise chegou e está instalada entre nós, que ela já provoca uma recessão nas principais economias do planeta, desde a sua locomotiva, os EUA, passando pela comunidade econômica européia e solapa até mesmo a China que parecia à prova de qualquer crise. No Brasil, onde ela era tratada pelo governo como uma “marolinha”, devido à queda nas vendas do setor automotivo, que diminuiu em novembro 28% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo que as montadoras têm mais de trezentos mil carros estocados em seus pátios. O setor imobiliário passa por uma séria crise, tendo o governo de injetar dinheiro para evitar que muitas empreiteiras falissem, arrastando com elas a poupança de milhares de pessoas que pagaram adiantado pelos imóveis. Os bancos brasileiros, ainda não tiveram injeção direta de dinheiro como ocorreu nos EUA, Europa e Japão, mas tiveram diminuída a quota do depósito compulsório (parte dos depósitos à vista que os bancos são obrigados a recolher ao Banco Central), o que lhes deixa mais dinheiro em caixa, inclusive para comprar títulos dos governos e engordarem os seus lucros. Os bancos pequenos tiveram as suas carteiras de créditos adquiridas, sobretudo pelos bancos estatais, como forma de capitalizá-los e evitar uma quebra que poderia abalar a confiança no sistema financeiro e atingir os bancos maiores. As empresas já anunciam cortes de mais de 40% nos investimentos previstos para o próximo ano.

Mas, porque é tão importante para o movimento dos trabalhadores prever, se antecipar às crises do sistema capitalista e mais do que isto, saber qual o caráter das crises e, sobretudo, desta crise? Pelo fato de que, para um revolucionário, uma revolução é inconcebível sem uma crise, sem uma situação revolucionária. Em outras palavras, não existe possibilidade da classe trabalhadora levar a cabo o seu projeto de sociedade, o socialismo, sem que o sistema capitalista esteja em crise. A isto nós chamamos de situação objetiva e que é criada pelas contradições inerentes ao funcionamento do sistema capitalista. Mas, apenas isto não é necessário para que seja possível uma revolução. É necessária que, além da crise, a classe trabalhadora esteja organizada e munida de um projeto seu, de classe, para intervir no momento da crise. A isto chamamos de situação subjetiva. Neste momento, o que percebemos é que a crise objetiva está muito adiantada e a situação subjetiva, a organização da classe trabalhadora, está assas atrasada, e que precisamos adiantar os passos. O movimento dos trabalhadores em todo o mundo também passa por uma grande crise. E caso não sejamos capazes de resolver esta crise do movimento, o burguesia certamente tenderá a levar adiante medidas que posterguem a permanência do sistema capitalista, a um alto custo para a humanidade.

A presente crise, que começou na década de 70 do século passado, já não se trata de uma crise cíclica, mas de uma crise estrutural, de exaustão onde “o capital foi traído por si próprio: ao incorporar gigantescas possibilidades tecnológicas numa produção limitada pela estreiteza das relações de produção e distribuição capitalistas, o capital terminou pondo diante de si seus limites definitivos – de onde se deduz o acerto da afirmação de Marx de que as relações de produção entram a partir de certo momento, em contradição com as forças produtivas. Esta é, de fato, uma contradição objetiva, que antecede e que abre caminho à outra contradição básica da ordem do capital, igualmente objetiva, inscrita no processo de luta de classes, entre os dois sujeitos ativos do sistema: proletariado e burguesia”. (CARVALHO, EDMILSON - A Produção Dialética Do Conhecimento, Editora Xamã, 2008, p. 42).

A presente crise migrou rapidamente das finanças para economia e agora se torna crise social, com milhares de trabalhadores perdendo os seus empregos. Nos EUA, apenas no último trimestre um milhão e duzentos mil postos de trabalho foram cortados. A Europa e o Japão já estão “oficialmente” em recessão. A crise está apenas no começo e desta vez ela atinge o coração do sistema, o chamado G-7, simultaneamente e com igual intensidade e alastra-se em grande velocidade por todo globo. Urge a entrada em cena do ator que poderá mudar o rumo desta história: a classe operária.